

Manuel Alberto Carvalho Vicente

**O PRIMEIRO CONTATO DOS
JESUÍTAS COM OS MALGAXES
(1589-1616)**



**O primeiro contato dos Jesuítas
com os Malgaxes
(1589-1616)**

FICHA TÉCNICA

Título: *O primeiro contato dos Jesuítas com os Malgaxes (1589-1616)*

Autor: Manuel Alberto Carvalho Vicente

Investigador integrado do CHAM (Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores

Investigador associado do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Transcrição paleográfica: Pedro Pinto

Collection: FONTES E TEMAS INSULARES, n. 5

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Instituto Europeu Ciências da Cultura – Padre Manuel Antunes e Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, março de 2015

ISBN – 978-989-8814-06-7

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto Estratégico «PEst-OE/ELT/UI0077/2014»

Manuel Alberto Carvalho Vicente

**O primeiro contato dos Jesuítas
com os Malgaxes
(1589-1616)**

Lisboa, 2015

Índice

Introdução	7
O primeiro contato dos jesuítas com os Malgaxes	9
Conclusão	17
Anexos	19

INTRODUÇÃO

Depois de termos consagrado um artigo que abrangeu os anos de 1508 a 1589¹, decidimos prolongar a investigação. A comunicação tem como objecto o estudo do período 1589 a 1616 (esta última data corresponde ao início da evangelização dos jesuítas na costa oriental malgaxe).

O nosso objetivo é responder às seguintes questões:

- O que nos dizem as fontes sobre o primeiro contato dos jesuítas com os Malgaxes?;
- Como se situou o rei e o Estado da Índia face à primeira evangelização dos Malgaxes?

¹ Manuel Alberto Carvalho Vicente, “Un projet d’évangélisation toujours ajourné (Madagascar, 1508-1589)”, *Lusitania Sacra*, tomo 29 (2014); artigo aceite em 14-05-2014 para publicação (<http://www.ft.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/CEHR/Pub/LS29AVicente.UnProject.pdf>).

O PRIMEIRO CONTATO DOS JESUÍTAS COM OS MALGAXES

A ilha de S. Lourenço (Madagáscar) foi descoberta pelo português Diogo Dias em 1500. Durante muito tempo esta ilha foi tomada em consideração quase exclusivamente como lugar de passagem durante a viagem para a Índia, pelos Portugueses, Holandeses, Franceses e Ingleses. O trabalho da evangelização dos Malgaxes desenrolou-se lentamente.

Segundo o cronista João de Barros, num ano próximo de 1500, um barco holandês que vinha de Java, carregado de especiarias, naufragou no Cabo Santa Luzia (costa este da ilha de Madagáscar)². Os Malgaxes aproximaram-se dos marinheiros holandeses e pensando que eles eram Portugueses abraçaram-nos, disseram-lhes que também eles eram netos de portugueses e perguntaram-lhes com insistência se traziam consigo Padres³. Quando os Malgaxes se aperceberam que se tinham enga-

² O porto de Santa Luzia (Manifiaty) está situado a 60 km ao Norte de Tolagnaro.

³ “*Da gente destas mesmas náos de Manuel de la Cerda, e Aleixo de Abreu devem proceder os Portugueses que huns Hollandezes acháram nesta Ilha de S. Lourenço, onde se perdêram na ponta de Santa Lucia, vindo de Jaüa em huma não carregada de drogas; os quaes andando cortando madeira para fazer alguma embarcação em que voltassem a Bantam, foram vistos da gente da terra, a qual parecendo-lhe a elles com muito alvoroço, e abraçando-os, e fallando Portuguez, lhe disseram que tambem elles eram netos de Portuguezes, (posto que o não pareciam nas cores, e trajos,) e com muta instancia perguntavam se traziam consigo Padres.*” (J. de Barros, *Ásia – Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do*

nado e que esses marinheiros eram Holandeses, disseram-lhes que, em tempos passados, uma nau portuguesa naufragou naquela região e que muitos Portugueses se casaram com as mulheres malgaxes; eles eram descendentes desses Portugueses e desejavam ter Padres para os instruírem⁴. Depois de construírem uma pequena embarcação, estes Holandeses regressaram a Bantam (Java), onde relataram este episódio aos seus compatriotas e a Frei Atanásio de Jesus, religioso agostinho português; eles disseram que notaram naqueles Malgaxes “erros intoleráveis na Fé por falta de doutrina”⁵.

Frei Atanásio de Jesus deu estas informações a D. Frei Aleixo de Menezes⁶, que era então arcebispo de Goa e governador do Estado da

Oriente. [1ª edição: 1552-1563]. Reedição em fac-simile da edição de 1778, Lisboa, Livraria Sam Carlos, 1973, década IV, livro III, capítulo II, p. 263 (citaremos a *década* em romano maiúscula, o *livro* em romano minúsculo, e o *capítulo* em números árabes. Por exemplo: IV, iii, 2).

⁴ “*E desenganados que não eram Portuguezes, senão Hollandezes, de que elles não tinham noticia, lhes contáram como em tempos passados huma não tão grande como aquella sua alli se perdêra, salvando-se a gente, e o Capitão della conquistára parte daquella Ilha, de que se fizera senhor, e que os mais se casáram com as mulheres da terra, de que tiveram grande geração, da qual elles descendiam; e que assi como seus pais, e avós desejáram sempre ter Padres que os doutrinassem, assi elles viviam nos mesmos desejos.*” (J. de Barros, *Ásia*. . . , IV, iii, 2, p. 263).

⁵ “*Feita a embarcação, voltáram estes Hollandezes para Bantam, onde relatáram este successo aos companheiros, e a Fr Athanasio de Jesus Frade Agostinho Portuguez, que estava cativo entre elles, acrescentando como notáram naquela gente erros intoleraveis na Fé por falta de doutrina, nos quais se pareciam mais áquelles barbaros com que se creáram, que aos Portuguezes de que procediam.*” (J. de Barros, *Ásia*. . . , IV, iii, 2, p. 263).

⁶ D. Frei Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa e Primaz das Índias, foi nomeado governador do Estado da Índia por “vias de sucessão” (depois da morte de D. Martim Afonso de Castro); ele governou de 10 de fevereiro de 1608 até 27 de maio de 1609. Convém mencionar que D. Frei Aleixo de Menezes governou provisoriamente Goa desde 3 de maio de 1606 (data da partida do Vice-Rei D. Martim Afonso de Castro para Malaca). Depois de voltar a Portugal, D. Frei Aleixo de Menezes foi arcebispo de Braga e vice-rei de Portugal (cf. A. Santos, *Las Misiones bajo el Patronato Portugués*, Madrid, Universidad Ponteficia Comillas, 1977, Vol. I, p. 128 et 326; J. M. Garcia, “Os Governadores do Estado da Índia”, *Vasco da Gama e a Índia. Conferên-*

Índia⁷. A relação da viagem de descoberta da ilha de S. Lourenço feita pelo capitão Paulo Rodrigues da Costa (1613-1614) transcreve parcialmente a carta que Frei Atanásio enviou ao arcebispo de Goa⁸.

cia Internacional, Paris, 11-13 Maio, 1988, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 125).

⁷ “Fr. Athanasio avisou de todas estas cousas a D. Frei Aleixo de Menezes Arcebispo que então era de Goa, e governava a India, e agora he Arcebispo de Braga, e Viso-Rey de Portugal, o qual com vigilancia, e cuidado que costuma ter em semelhantes casos, e grande zelo na conversão das almas [...] encomendou aos Padres da Companhia de Jesus, que foram com D. Estevão de Taíde á conquista de Monomotapa, de Moçambique, ou de outro algum porto vizinho, trabalhassem por alcançar mais clara noticia desta gente para a poder socorrer como sua necessidade pede.” (J. de Barros, *Ásia...*, IV, iii, 2, p. 263).

⁸ “Estando eu catiuo na Sunda, veiu ahí ter um patacho da ilha que os hollandezes chamam Mauricia, e nós na carta ilha de Diogo Rodrigues, e deu por novas que uma nau hollandeza, que era a maior que até agora passou da Holanda à India, que foi a que esteve em Goa, por general na barra em tempo de Ayres de Saldanha, de 800 toneladas e de 50 peças de artilharia, indo da India para Hollanda a mais rica, cheia e carregada que até agora passou da India á Hollanda, por descuido dos officiaes de noite, foram surgir em terra na ilha Madagascar, e por nosso nome de S. Lourenço, e tudo quasi perdêra, e se fôra ao fundo salvo uma pouca de pedraria que escaparam. [...] os perdidos d’esta nau correndo esta ilha que digo de S. Lourenço, para n’ella se fortificarem e fazerem alguma embarcação, foram dar com um logar na mesma ilha que na carta se chama Santa Luzia, e n’ella os vieram logo receber os naturaes da terra com muitas mostras de amor e presentes de contentamento, perguntando aos hollandezes, vendo-os alvos e louros, se eram portuguezes, e se traziam algum ou alguns padres. [...] isto me contaram elles mesmos que de lá vieram e fallando commigo e alguns moços christãos nossos que se acharam na nau que iam por marinheiros; por onde o tenho por certo o que me contaram, e tambem o tenha v. s..

A gente da terra era alva e loura, e de muito bom parecer, e alguns d’elles com algumas cruces toscas e malfeitas ao pescoço, todos têm nomes de christãos e de santos e santas nossas, chamam-se portuguezes como elles disseram aos hollandezes, e á sua terra em que vivem Portugal, e têm por as ruas e sobre suas choupanas cruces de pau toscas e mal lavradas. [...] estranhando os hollandezes tantas novidades que na terra viam, e reparando na pergunta que no principio lhe fizeram, se eram portuguezes e traziam padres, perguntaram aos naturaes por seus principios, e fundação do lugar, disseram-lhes os da terra que o rei que então ao presente reinava, era neto de um portuguez, que viera ahí ter por um naufragio com muita gente, e

Ainda segundo João de Barros, devido ao costume que D. Frei Aleixo de Menezes tinha de cuidar de assuntos importantes, este arcebispo pediu aos jesuítas que partiram com D. Estêvão de Ataíde para evangelizar os habitantes do Monomotapa, da ilha de Moçambique e dos portos vizinhos, e procurarem recolher mais informações sobre os descendentes dos naufragos portugueses da baía de Santa Luzia⁹.

Sabemos também que o rei D. Filipe II (III de Espanha) foi informado da existência desses descendentes de portugueses que viviam em Madagáscar; ele considera que se dê “remédio de salvação” a esses descendentes de Portugueses¹⁰.

*querendo tornar a Portugal, não achára commodo para isso, e com a gente que tinha e armas que escapára, se viera a fazer um grande senhor, e todos os naturaes eram filhos, netos e descendentes dos portuguezes, e levando os naturaes por as mãos aos hollandezes, lhe mostraram a sepultura do primeiro seu rei, que fôra o capitão da nossa nau perdida, com uma formosa cruz á cabeceira, com uma campa em cima com umas letras já velhas e gastas, que se não podiam ler.”: “Relação da jornada e descobrimento da Ilha de S. Lourenço que o Vice Rei da Índia D. Jerónimo de Azevedo mandou fazer por Paulo Rodrigues da Costa, capitão e descobridor”, *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 7/5 (1887), pp. 354-355.*

⁹ Cf. J. de Barros, *Ásia...*, IV, iii, 2, pp. 263-264.

¹⁰ “Vi a relação que o arcebispo primaz enviou sobre a gente branca descendente de portuguezes, que se diz haver na ilha de São Lourenço, e o que me escreveis ordenaste a Dom Estevam de Ataíde sobre mandar huma galeota com hum religioso da Companhia mathematico a ver se a encontrava; e porque pela dita informação e outras se tem por certo haver alguma gente de naus perdidas, e he de grande serviço de Deos e meu acudir-se-lhe e procurar-se-lhe remedio de salvação para as almas e corpos; e de mais d’isso para muitos casos que podem succeder convem muito saberem-se, sondarem-se graduarem-se e arrumarem-se todas as bahias, portos e surgidouros d’aquella ilha e o que ha n’ella e de que gente he povoada, vos encomendo muito que, em caso que pela ordem que destes ao dito Dom Estevam de Ataíde não haja tam inteira noticia de toda esta materia na maneira e com a clareza que convem, mandeis logo aprestar duas galeotas de cobertura muito boas e bem petrechadas, com dous homens mui práticos e exprimentados por capitães e os soldados e marinheiros necessarios e os bons pilotos, e em cada huma d’ellas dous religiosos e assi as linguas que se entender que na ilha poderão servir, e da mesma maneira algumas fazendas com que possam resgatar mantimentos e outras cousas que n’ella houver; [...] e assi mandeis fazer com ellas o dito descobrimento e que se sondem, graduem

Em seguida, o vice-rei D. Jerónimo de Azevedo enviou, em 1613, o capitão Paulo Rodrigues da Costa, explorar as costas malgaxes; ele associou a este trabalho de recolha de informações dois jesuítas.

Desta viagem de exploração surgiu um roteiro das costas malgaxes que foi elaborado por um desses religiosos, o Padre Luís Mariano¹¹.

Em 31 de dezembro de 1614, D. Jerónimo de Azevedo enviou uma carta a D. Filipe II (III de Espanha) dizendo que não foram encontrados naufragos portugueses em Madagáscar mas que foram descobertos os seus descendentes. Esse mesmo documento diz que foi trazido para Goa um filho de um rei daquela ilha e que o vice-rei assistiu ao ba-

e arrumem os surgidouros, bahias e portos da dita ilha, e faça toda a diligencia por se achar a dita gente e saber a de que he povoada e tudo o que ha n'ella, para o que partirão de Goa na entrada dos levantes, e começarão pela banda de dentro da ilha com os levantes, e se recolherão pela banda de fora com os ponentes, que então servem; advertindo, porem, se será melhor que se entre pelo porto de Santa Luzia, pela resistência que d'estoutra parte achou Braz Telles, vindo da India por capitão mór; e de tudo o que n'isto se fizer e se achar me avisareis mui particularmente”: “Carta de D. Filipe II ao Vice-Rei da Índia sobre a gente branca que se dizia existir na Ilha de São Lourenço. Lisboa, 24.01.1610”. Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 4, fól. 2. Citamos este documento a partir de: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Documentos Remetidos da India ou Livros das Monções*, Tomo I, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1880, pp. 307-308.

Filipe I escreve ainda mais tarde: “*Per minha carta de 24 de Janeiro de 611 vereis o que ordeney, assy para se descobrir a gente branca descendente de portugueses que se entemde haver na ilha de Sam Lourenço como para se sondarem, graduarem, e arrumarem as bahias portos e surgidouros della, e se saber o que ha na ilha, e de que gente he povoada.*”:

“Carta de D. Filipe II ao Vice-Rei da Índia sobre a gente branca que se dizia existir na Ilha de São Lourenço. Lisboa, 27.02.1613”. Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 6, fól. 132-132v.^o. Citamos este documento a partir de: Eric Axelson (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, Lisboa, Centro de Estudos de História e Cartografia, 1989, vol. IX (1589-1615), p. 286.

¹¹ “Roteiro da Ilha de São Lourenço feito pelo Padre Luís Mariano [1614]”. Biblioteca Nacional do Brasil, I-12, 3, 6, fól. 147-161v.^o. Publicação: A. Teixeira da Mota, *Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1975, pp. 36-57.

tismo desse jovem malgaxe que foi realizado pelo arcebispo de Goa¹². Numa outra carta, D. Jerónimo de Azevedo diz que esse Malgaxe foi arrancado à força ao seu pai¹³. Depois deste jovem malgaxe ter sido formado pelos jesuítas em Goa foi enviado para a sua família¹⁴.

Num documento feito no dia 21 de janeiro de 1615, o arcebispo e governador do Estado da Índia afirma que era chegado o tempo de se mandar de Goa os Padres que iriam “fundar a Missão da Ilha de São Lourenço”¹⁵. Em fevereiro de 1616, o rei D. Filipe II (III de Espanha) informa o vice-rei de que está de acordo que se inicie esse trabalho de evangelização¹⁶.

¹² Cf. “Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre a exploração da Ilha de São Lourenço. Ilhéus Queimados, 31.12.1614”. Historical Archives of Goa, *Livros das Monções*, Liv. 12, fól. 74. Apresentamos no “anexo I” este documento que já foi publicado (*Boletim Oficial do Estado da Índia*, Goa, N.º 168, 16.05.1883, p. 427).

¹³ Cf. “Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre o descobrimento da Ilha de São Lourenço e sobre o processo de catequização do filho do Rei da Ilha. [Goa, 1615]”. Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 9, fól. 79-81v.º. Apresentamos no “anexo II” este documento que já foi publicado: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1885, pp. 400-404.

¹⁴ Cf. “Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre a exploração da Ilha de São Lourenço. [1615?]”. Historical Archives of Goa, *Livros das Monções*, Liv. 12, fól. 236-236v.º. Apresentamos no “anexo III” este documento que já foi publicado (*Boletim Oficial do Estado da Índia*, Goa, N.º 168, 01.08.1883, p. 676).

¹⁵ Cf. “Assento do Conselho da Fazenda sobre a fundação da missão jesuíta na Ilha de São Lourenço. Goa, 11.01.1615”. Historical Archives of Goa, *Assentos do Conselho da Fazenda*, Liv. 1, fól. 15v.º-16. Apresentamos no “anexo IV” este documento que já foi publicado: V. T. Gune (Ed.), *Assentos do Conselho da Fazenda (Proceedings of the Revenue Council at Goa): (1613-1621)*, Vol. I, Part I (1613-1617), Panaji, 1979, pp. 15-16.

¹⁶ Cf. “Carta de D. Filipe II ao Vice-Rei da Índia sobre o descobrimento da Ilha de São Lourenço. Lisboa, 20.02.1616”. Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 9, fól. 78. Apresentamos no “anexo V” este documento que já foi publicado: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1885, pp. 399-400.

A carta do Padre Luís Mariano, datada de 18 junho de 1616, relata-nos o regresso do príncipe malgaxe à sua terra natal e o início da presença dos jesuítas na costa oriental malgaxe¹⁷. Desenvolveremos num estudo posterior a ação de evangelização desses religiosos em terras malgaxes.

¹⁷ Apresentamos no “anexo VI” esta carta que já foi publicada: A. Grandidier; Ch. Roux; Cl. Delhorme; H. Froidevaux et G. Grandidier (sous la direction de), *Collection des Ouvrages anciens concernant Madagascar*, Paris, Comité de Madagascar, 1903, tomo II, pp. 140-158.

CONCLUSÃO

O início da evangelização dos Malgaxes teve o apoio do rei e do Estado da Índia. Por sua vez, o método utilizado pelos Portugueses de trazer à força para Goa o príncipe malgaxe não nos parece muito de acordo com o Evangelho; esta decisão exasperou os Malgaxes e esteve na origem de conflitos que em nada favoreceram o trabalho de evangelização.

ANEXOS

ANEXO I

Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre a exploração da Ilha de São Lourenço

Ilhéus Queimados, 31.12.1614

Historical Archives of Goa, *Livros das Monções*, Liv. 12, fól. 174

Publicação: *Boletim Official do Estado da India, Goa*, N.º 168, 16.05.1883, p. 427

A carauella que mandey a ilha de São Lourenço tornou em septeembro proximo passado, descobrio muitos portos della, e se fez armação delles ao certo, por que, o não estauão na carta, não acharão portuguezes, mas descobrirão descendentes delles, e trouxerão a esta cidade, hum filho a que hum Rey daquella ilha, cujo he o porto de Sancta Luzia, e polla informação que se teue, he este moço bisnetto de portuguezes capitão de alguma nao que em tempos passados se perdeu ally, he moço de gentil natureza bem afeiçoado de còr embaciada, cabelo comprido mas copado por diante ao modo dos portuguezes antigos, e ally disseram os naturaes que o trazião os que aly se perderão de quem elles descendião, terá treze ou quatorze annos de hidade, fez-se aqui christão, a que assistimos eu e o Arcebispo que o baptisou, está recolhido com os padres da companhia no seu colegio nouo de Goa, onde ordeney que rezidisse assy para o doctrinarem como para com elles tornar para a mesma ilha, por que se entende que vendo os naturaes, e sabendo do tratamento que recebeo e de nouas cousas polla informação que lhes elle dará, verão facilmente no gremio da Igreja por ser gente que ainda que tem alguma doctrina dos mouros, todavia não estão entrados della de maneira que se breuemente

se lhes acodir não abrassem a da nossa santa fé, e assy este principe como os mais descendentes de portuguezes que ally acharão traziam todos cruzes ao pescosso.

A ilha he muito fertil de gado e mantimentos, e dará muito mais se a cultiarem he muy fresca e chea de muitas ribeiras de agua doce e abundantissima de boas madeiras de que podem fazer naos, e la ally os Holandezes fizerão huma, a gente he singella e de bom natural e não belicosa, nem tem mais armas que as azagayas, e só com hir aly esta carauella se avassalarão a Vossa Magestade os Reis a cujos portos ella chegou e fizeram disso suas escrituras, e alguns se queriam logo fazer christãos e tambem o serem muitos os Reis que nella ha, ha de facilitar mais a entrada na ilha alem da boa disposição que se achou nos que fica dito, e tudo isto e o mais que nella ha, e que rezultou desta jornada poderá Vossa Magestade sendo seruido mandar ver pollas relações que aqui vão, e assi a arrumação que se fez dos ditos portos, e outras discripções feitas por hum dos religiosos da companhia que foram a esta empreza, muy bom como grapho, segundo a informação que delle me foi dada. Outros papeis da mesma materia leua Paulo Roiz da Costa que eu mandey a este descobrimento por capitão da carauella, o qual vay embarcado na nao capitaina, e dar a mais particular e inteira rellação de tudo, seruido muy bem este negocio, e passou muitos trabalhos por cumprir como fez, com as ordens e regimento, que lhe dey mercè que Vossa Magestade lhe mande fazer merce e que o honre, assy para que tenha o premio de seu seruiço como para exemplo de outros. A mesma lembrança faço a Vossa Magestade do Piloto e mestre da carauella que ambos fizeram inteiramente sua obrigação, e vencerão todas as difficuldades e contratos desta viagem fiando nas promessas, que em nome de Vossa Magestade lhe fez de habitos de quaesquer das ordens militares e de cargos, e ambos são officiaes da carreira e muy praticos em seus officios, e nelles vão seruindo neste meu galeão por serem os que achei mais sufficientes.

Pollo que desta tornada tem resultado hey, que se tem feito nella muy particular seruiço a Vossa Magestade e que conuem muito que mande Vossa Magestade se trate de prepozito daquella ilha e de se pouoarem os portos que estão descobertos, assy porque com isso sera facil a conuersão dos naturaes, como por tirar aos Holandezes que tomem aly pee e gozem de suas comodidades como ora fazem, e em particular polla que nella terão mais que em

Moçambique as naos do Reino para se refrescarem e concertarem, não só a vinda mas tambem da volta, e pollas discripções que vão d'alguns portos assy da Conda [*sic*] do Norte, como do sul se verá quão capazes são para nelles entrarem e estarem com muita regularidade as naos do Reino.

Da banda de fora daquella ilha ficarão ainda alguns portos que descobrir a que será necessario enviar embarcação que va daqui em direitura a elles como eu o determino fazer, mormente que tenho ora informação por via de hum homem pratico daquellas partes que rezidem em Ampaza, que sem falta ha gente branca da outra parte da ilha. E assy se as cousas que me leuam ao Norte derem lugar para ordenar que ainda nesta monção enuie huma ou duas carauellas com os mesmos religiosos e o Principe que elles trouxeram ey o de fazer e vencer quanto for possivel todas as difficuldades que encontram se offerecerem.

Guarde Deus a catholica pessoa de Vossa Magestade como a christandade ha mister

desta paragem dos ilheos queimados a xxxi de dezembro de 1614

D. Jeronimo de Azevedo

ANEXO II

Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre o descobrimento da Ilha de São Lourenço e sobre o processo de catequização do filho do Rei da Ilha

[Goa, 1615]

Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 9, fól. 79-81v.^o

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1885, pp. 400-404

Manda Vossa Magestade (conforme o que me avisou o secretario Christóvão Soares por escripto seu) que eu o informe do que passou ácerca do filho do rey da ilha de São Lourenço, que se levou a Goa, porquanto era Vossa Magestade informado que elle se tomara por força, e que eu assim o dizia; a cuja ordem satisfaço, na forma seguinte. Achando-me na dita ilha de São Lourenço, da banda de fóra, em altura de vinte e cinco graus escassos, achei hum rey, casta mouro, não que use de sua seita, descendente de outros que alli fizeram naufragio indo pera Meca, ha muitos annos, o qual he casado com mulheres descendentes dos nossos portuguezes, que alli se perderam em huma nau; e habitando n'aquella terra, sendo rey d'ella o pae d'este que agora governa, vendeu aos nossos hum sitio bem accomodado ao longo de hum fermoso rio caudal, por preços e que entrou huma cadeia de ouro de bom comprimento, conforme me este rey disse publicamente diante de sua gente e minha. E assi fizeram os nossos no dito logar huma casa a modo de fortaleza, com mais hum padrão de pedra com as armas reaes e huma cruz do mesmo,

como se vê do modelo que com esta vai; e habitando os nossos n'esta terra, casando-se com a gente d'ella, deixaram muitos descendentes.

Chama-se este rey que agora governa, Bruto Chambanga; he casado com huma neta de hum nosso portuguez, cabeça de todos os que alli se perderam, a quem a gente da terra chamavam e inda hoje nomeiam Deama sinor, que na lingua da ilha quer dizer rey senhor: este sabendo [*sic*] que eu estava com minha nau e gente em hum porto de outro rey seu vizinho, negro cafre a quem eu tinha dado conta ao que era mandado áquella ilha, declarando-lhe tudo, por achar n'elle bom sujeito, e me diria tudo o que havia; e me informou, no mesmo dia de minha chegada, dos sinaes que acima faço menção na ilha de Santa Cruz, e assim mais como era rey d'ella e de mais terras o dito Bruto Chambanga; tratei com este rey mais, como para o dito effeito íamos quatro naus, as quaes não eram chegadas, por a minha ser mais ligeira; e logo na mesma noite despedido de mim este rey, avisou ao rey Bruto, que estava na sua cidade de Fanzaira, distancia de dez leguas, o qual era ido a botar huma nau ao mar, que os hollandezes tinham feito na bahia de Santa Luzia, por se terem perdido em outra o anno passado atraz, sendo chegada a este porto outra que ia de Hollanda para o Sul; e sendo avisado o rey como alli era chegado, se veio logo ter comigo ao terceiro dia da minha chegada, acompanhado com oitocentos homens muito bem dispostos e armados com azagaias: disse-lhe que eramos vassallos do grande e poderoso rey Dom Fillipe, o maior de toda a christandade e senhor de todas as Indias orientaes e occidentaes, e como era mandado áquella ilha com mais tres naus, de que era capitão mór Dom Jeronymo Coutinho; e isto disse, porque fazia a meu caso levar mais força, para lhe metter pavor; as quaes eram [*sic*] chegadas, por serem maiores; e que íamos buscar portuguezes de naus nossas que eram perdidas, e juntamente castigar alguns vassallos de Vossa Magestade, que andavam alevantados por aquellas partes.

Tratando mais com elle como tinhamos feito ao districto da ilha seis reys, os maiores d'ella, vassallos amigos de Vossa Magestade, como podia ver pelas doações e contratos que eu com elles tinha feito; e que se elle tambem o quisesse ser, lhe faria muitas mercês, como costuma fazer aos reys da India, seus vassallos; respondeu a isto, que isso tinha tempo; e informando-me do que havia na terra e dos nossos portuguezes perdidos, me disse que tinha sabido de seu pae de sua perdição; e despedindo-se de mim, foi botar a nau ao mar

com muita brevidade, e se recolheu á sua cidade, donde me mandou por hum seu filho hum escripto em letra arabia, dizendo que tinha que tratar comigo sobre a materia das pazes, e que mandasse lá quem me parecesse, que elle me mandaria hum filho seu em refens. E tratando eu o que convinha ao serviço de Deus e de Vossa Magestade, tomando conselho com os padres da companhia de Jesus e mais gente, determinamos que, com me dar o filho em refens, fosse o Padre Pero Freire e o mestre da nau bem acompanhados, fizessem as pazes, os quaes junto na sua cidade as fizeram, e juraram em nome de Vossa Magestade, no modo que eu podia, de sermos amigos dos amigos, jurando o rey que nossos inimigos não teriam entrada em seus portos; e que as naus de Vossa Magestade irão a suas terras vender suas fazendas, querendo lá ir, sem que gente sua lhe faça mal, e assim mais me daria seu filho Emriasiruai para levar á India ao viso-rey Dom Jeronymo de Azevedo, para o fazer grande e aprender as leys e costumes de portuguezes: e eu lhe prometti deixaria quatro portuguezes com seus moços e dous padres da companhia de Jesus nas suas terras onde está a santa cruz, a qual dava aos padres para sua morada e fazerem n'ella egreja, e ensinarem todos seus vassallos e gentes o caminho de sua salvação, de que lhe fez larga doação; sendo de tudo contente o rey, mulher e filhos e os do seu governo, se celebraram as pazes com muitas festas. Logo mandei fazer egreja e casas para se recolher a gente, tratando-nos com muita amizade; e como foi tempo de me partir, mandei-lhe recado que me mandasse seu filho, e eu lhe entregaria o que lhe prometti em refens: aqui me faltou com a palavra; e tornando logo a segundar com palavras brandas e algumas promessas, se não quiz descer da dureza em que estava de me não dar o filho. Tornei terceira vez com afagos e mais promessas, com que o obriguei a vir fallar comigo á praia, onde esperei com alguns brincos e peças que lhe dei de novo e a outros muitos seus privados; e não me deferindo a cousa alguma, me recolhi á nau tratar com meus companheiros o que havíamos fazer no caso, pois nos tinha negado a palavra sabida de toda a gente d'aquelles dous reinos; e assim assentamos se lhe tomasse hum filho com toda a dissimulação possível, e mande dizer duas missas ao Espirito Santo, offerecendo-lhe o caso. Não havendo alteração na minha gente que ordinariamente desembarcava armada com suas armas e mosquetes, tendo o rey por costume vêr-nos sempre assim, encommendei a hum homem meu, que pera este effeito mandei, que vendo boa occasião, lançasse mão do filho do rey, o que fez; e levando-o á embarca-

ção, o pae com muitos dos seus vieram sobre os nossos despedindo azagaias de arremesso, chegaram ao batel, pegando n'elle para o virar; querendo-nos offender, nos defendemos, mettendo o filho do rey dentro, e o levei á nau com muito resguardo, tendo-se particular cuidado d'elle, fazendo-lhe muitos mimos, e entregue aos padres para o doutrinar, como elles fizeram tão excellente e virtuosamente, que em breves dias se viu n'elle grandes mostras do que havia dar de si. Succedeu isto, pelo que o rey me tinha faltado a palavra, dia de Santo André ás oito horas da manhã, trinta de novembro 1612, estando este dia até noite no porto fallando com muita gente que acudiu de differentes partes, que toda ella sabia das pazes e contrato que com este rey tinha feito, e todos diziam a muita razão com que eu recolhera o filho; e ao rey estranhavam faltar com a verdade do prometido: e o rey mandou pedir lhe quizesse dar seu filho e que elle me daria muito grandes cousas; respondi-lhe que eu o levaria muito mimoso, pois era dos nossos descendentes, e eu assim o tinha contratado com elle, e logo o anno seguinte lho levaria. Fiz-me á vela d'este porto com a nau muito destroçada dos temporaes, para a ir concertar a Moçambique, e tornar a fazer o descobrimento a que ia, conforme meu regimento, e tratar de pôr em conselho (como se fez) o que se faria do filho do rey; e juntos o capitão Dom João d'Azevedo e alguns fidalgos e padres da companhia, tratando se o levariam á India, ou acabar o descobrimento, se assentou que era mais serviço de Deus e de Vossa Magestade leval-o á India ao viso-rey, que arriscal-o ao successo do tempo e navegação não sabida e de tanto risco.

Estavam em Moçambique as caravelas que tinham ido de aviso d'este reino, nas quaes se assentou o mandassem; e de feito foi com hum padre da companhia de Jesus bem acompanhado, o qual o entregou ao viso-rey, segundo depois soube, e das muitas festas que em Goa lhe tinham feito: isto he o que se passa, informando de tudo na verdade a Vossa Magestade, cuja catholica pessoa Deus guarde.

ANEXO III

Carta do Vice-Rei da Índia a D. Filipe II sobre a exploração da Ilha de São Lourenço (extrato)

[1615?]

Historical Archives of Goa, *Livros das Monções*, Liv. 12, fól. 236-236v.º

Publicação: *Boletim Official do Estado da India*, Goa, N.º 168, 01.08.1883, p. 676

[...]

Pollas naos do anno passado dey conta a Vossa Magestade como era tornada a carauella em que mandey descubrir a Ilha de São Lourenço, E o que desta sua viagem tinha resultado, com as descripções E arrumações dos pontos que descobriu, dizendo que se as cousas que emtão me leuauão ao Norte dessem lugar para ordenar que ainda naquella monção fossem huma ou duas carauellas com os mesmos Religiozos da companhia que se acharão neste descubrimento, E com o Principe que trouxerão, o hauia de fazer vencendo quanto fosse possiuel todas as difficuldades que em contrario se offerecessem, E porque assy pollas que ouue como com ocasião de minha abzençia não se poderão por então emviar, E vendo que não conuinha deixar esfriar isto, aprestey huma carauella E hum pataxo para irem nesta monção como tem feito leuando o Principe E os Religiosos que o trouxerão com mais outros, por se entender que estão alli as cousas dispostas de maneira que todos terão em que se ocupar no ministerio da conuersão, ordenej lhes que fossem daqui em direitura a Ilha de cirne E a descubrissem, sondassem, E marcassem

toda, E assi a do Mascarenhas, E notassem bem o citio E disposição daquellas Ilhas, E se são pouoadas, E de que gente E que comodidades tem E fizessem particular relação de tudo o que achassem, E fecto isto se fossem a Ilha de Sam Lourenço E tomassem o porto de santa luzia assy por ser do Rey Pay do dito Principe E termos mais noticia daquela terra, E polla que o mesmo Principe hauera alli de dar de nossas cousas, com que se facilitara tomarmos passagem a Ilha como porque ate aquelle porto, esta feito o descubrimento que a outra carauella fez, E dali se ha de começar o que falta por fazer de fora para ficar descoberto de todo, vão nestas duas embarcações mais de quarenta soldados, E quazi outros tantos homens do mar Portugueses todos com seus mosquetes E bem prouidos de munições com que poderão seguramente desembarcar em qualquer parte da Ilha E fazer tudo o mais que cumprir / [fól. 236v.^o] a ella acostando sse a algum daquelles Reis que não são bem auindos huns com os outros, vay por cabeça destas embarcações, E do que nesta jornada se houuer de fazer Pero d almeida cabral Jrmão do desembargador fernão cabral que seruiu mui bem nestas partes E tem sugeito e capacidade para se hauer nesta Empresa como conuem, leua muy a cargo a seguridade daquelle Principe, E não o hauer de largar se não quando as cousas estiuerm mui assentadas, E ficando os Padres com elle, assy porque indo feito Christão não corra perigo entre os seus, como tambem porque ficando sse com elles sem nossa assistencia poderia retroceder, [...]

ANEXO IV

Assento do Conselho da Fazenda sobre a fundação da missão jesuíta na Ilha de São Lourenço

Goa, 11.01.1615

**Historical Archives of Goa, *Assentos do Conselho da Fazenda*, Liv.
1, fól. 15v.^o-16**

**Publicação: V. T. Gune (Ed.), *Assentos do Conselho da Fazenda
(Proceedings of the Revenue Council at Goa): (1613-1621)*, Vol. I,
Part I (1613-1617), Panaji, 1979, pp. 15-16**

Em Goa a xi de Janeiro de 615 em Conselho da fazenda propos o Senhor Arcebispo e governador em como era chegado o tempo de se mandar prouimento a fortaleza de Mombaça e Moçambique, e juntamente mandar os padres que hão de hir fundar a Missão da Ilha de São Lourenço cujo descobrimento Sua Magestade tem encomendado e que pera se poder fazer El Rey não tinha embarcações nem comodo por ficar todo o estado empenhado, e os Vassallos todos pobres por a pouca segurança que ha na Nauegação assi pelas guerras dos Reis Visinhos, como pelos muitos paros e armadas dos Rebeldes, de modo que praticada e vista a necessidade que naquellas partes pode aver, estando la as Naos que do Reino partirão se assentou que Visto ir a Nao de Luis de lemos Capitão da Viagem de Moçambique na qual vão muitos Mantimentos de biscoutos, farinhas, Vinhos e mais cousas de partes para a dita fortaleza e não hauer lugar para nella ir prouimento algum que se fretasse a naueta de Antonio Soares da Rua na qual se mandasse o prouimento da fortaleza de Mombaça e dali fosse levar a Moçambique o arroz que Vai pera prouimento daquella

fortaleza sem leuar Mercadoria alguma que prejudique ao Capitão da Viagem de Moçambique, e achandosse leuar alem dos prouimentos dEl Rey algumas fazendas que pague dellas ao dito Capitão aquilo que são obrigados a pagar, e estiuer em custume, e daly leue os ditos padres a Ilha de São Lourenço sem o Capitão de Moçambique nem outro algum official de Sua Magestade lhe entrar a dita Viagem, e de como assi se assentou mandou o Senhor Arcebispo, e governador fazer este assento em que se elle assinou com os deputados do Conselho. Luis barbalho ho fis escreuer. O Arçebispo Primas Pero Correa dAzeuedo – Assis Mello – A. Barreto – Cunha Berthalomeu Soares.

ANEXO V

Carta de D. Filipe II ao Vice-Rei da Índia sobre o descobrimento da Ilha de São Lourenço

Lisboa, 20.02.1616

Torre do Tombo, *Documentos Remetidos da Índia*, Liv. 9, fól. 78

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Documentos Remetidos da Índia ou Livros das Monções*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1885, pp. 399-400

Dom Jeronymo de Azevedo, viso-rey amigo, eu el-rey vos envio muito saudar. Pela via que trouxe a nau São Filippe, recebi a vossa carta, em que me daes conta do successo do descobrimento da ilha de São Lourenço, a que enviastes em hum patacho o piloto Paulo Rodrigues, com dous religiosos da companhia; e muito vos agradeço o cuidado em que dispozestes a execução d'este negocio, em que espero em nosso Senhor que ha de ser servido que se dê principio a huma grande conversão, que he o intento principal que d'elle se pretende, não sendo de pouca consideração todas as mais conveniencias de meu serviço, que na materia representaes, a que tambem se deve atender muito; e conforme a isto, bem se deixa vêr quanto convirá que a obra d'esta nova empresa se proseguirá, com calor e forças bastantes a dar-lhe abreviado fim: mas respeitando as impossibilidades presentes, approvo o que me avisaes que n'esta materia tinheis determinado, e que em conformidade d'isso envieis hum navio que descubra o que deixou de navegar Paulo Rodrigues, da dita ilha, e que n'elle vá o principe que elle levou d'ella, que dizeis que está já baptisado e instruido na fé; e que em sua companhia vão os religiosos

da companhia que tinheis assentado de enviar com elle, levando particular ordem de se empregarem na conversão d'aquelles idolatras; e me avisareis do que fizerem, e das utilidades da terra e que se poderão seguir de passar adiante n'esta conquista, para, conforme ao que se entender de seus avisos, se ir vendo e provendo n'ella o que se houver por mais conveniente ao serviço de Deus e meu. E porque Paulo Rodrigues deu aqui o papel, de que com esta se vos envia a copia, em que refere que o dito principe que tomara e estava n'essa cidade, fôra tomado por força a seus pães; e se póde temer que, quando tornarem com elle a sua terra, procurarão os naturaes satisfazer-se d'isso, me pareceu advertir-vos d'este ponto, para que as pessoas que enviardes áquella ilha, vão bem instruídas do que devem fazer, para prevenirem qualquer perigo; e do que em tudo fizerdes e ordenardes, e do que resultar d'este segundo descobrimento, me avisareis com toda a particularidade, para o ter entendido.

Escrepta em Lisboa a 20 de fevereiro de 1616. –

a) Rey

a) Dom Estêvão de Faro

Sobrescripto – Por el-rey – A Dom Jeronymo de Azevedo do seu conselho, visorrey e capitão geral do Estado da India – 3.^a via.

ANEXO VI

Lettre du Père Luis Mariano, datée de Sahadia à l'embouchure du Mananbolo le 18 juin 1616 sur les événements survenus dans l'Anosy)

O texto original desta carta estava na biblioteca do Conde do Ameal (em Coimbra) no momento em que foi consultada pela equipa de investigadores que trabalhava em colaboração com Alfredo Grandidier. Em seguida, os livros dessa biblioteca foram vendidos em leilão e não sabemos onde se encontra atualmente esta carta. Porque não tivemos acesso ao texto original, decidimos de apresentar esta tradução.

Publicação: A. Grandidier; Ch. Roux; Cl. Delhorme; H. Froidevaux et G. Grandidier (sous la direction de), *Collection des Ouvrages anciens concernant Madagascar*, Paris, Comité de Madagascar, tome II, pp. 140-158.

“ Quoique je sache que le Père Manoel d'Almeida vous a envoyé la relation de notre voyage et des aventures que nous avons eues dans le royaume de Dom André, ainsi que le compte rendu des affaires que nous y avons traitées, il m'est néanmoins agréable de vous écrire moi aussi à ce sujet, afin de vous donner mes impressions personnelles. Malheureusement la patache va partir et je suis tellement pressé que je ne puis que vous entretenir des points capitaux de nos affaires dans le Sud-Est de Madagascar.

Le voyage jusqu'à l'île du Cirne [Maurice], que nous avons aperçue le jour de Saint-Benoît, s'est bien passé, sans tempêtes et sans difficultés sérieuses. Nous n'avons pu douter que c'était bien l'île que les Hollandais nomment île Maurice, car nous y avons trouvé deux Hollandais, qui sont venus à notre bord sur l'invitation du pilote de la caravelle, l'anglais Thomas Hervi, et qui nous ont conduits dans une rade située à l'Ouest [le Port-Louis actuel]. Cette rade,

qui est bien abritée des vents de Sud, de Sud-Est, d'Est et de Nord-Est, est très profonde et le mouillage y est excellent; nous y avons donc jeté l'ancre immédiatement.

Ayant appris par ces Hollandais qu'il y avait sur la plage divers objets, notamment du poivre, provenant du naufrage de deux navires qui s'étaient mis à la côte en se rendant en Hollande, le capitaine-major envoya à terre pour vérifier le fait deux hommes qui ont en effet trouvé quelques petites caisses en bois pleines de poivre et de clous de girofle, dont nous avons pris quelques-unes. Quant aux Hollandais, ils nous ont quitté sous le prétexte d'aller chercher des vêtements, quoique nous ne leur eussions pas donné la permission de descendre à terre, et nous ne les avons plus revus. Avant de disparaître, ils s'étaient rendu compte de ce qui se trouvait à bord de nos navires et s'étaient renseignés sur nos projets, ils avaient même tenté de corrompre notre ami Dom André, et ils ont pu, non sans raison, se moquer de nous qui les avons laissés partir si tranquillement, après les avoir rassasiés et équipés.

Quant au poivre, dont nos gens ont pris trente sacs, je ne saurais dire s'il n'eût pas mieux valu ne rien prendre du tout, à cause des ennuis qui en ont résulté. Les hommes qui avaient trouvé ce poivre croyaient de bonne foi que c'était leur propriété, mais le capitaine-major en a pris possession comme étant celle du Roi, au service duquel il l'a employé. A-t-il eu raison? A-t-il eu tort? Votre Révérence en jugera mieux que moi. Il semble cependant tout naturel qu'on devait en donner une part à ceux qui l'ont été chercher, comme à ceux qui l'ont retiré des navires naufragés.

Après avoir vu l'île du Cirne, [île Maurice], dont la position nous a paru marquée exactement sur la carte, nous nous sommes dirigés vers celle de Mascarenhas [île Bourbon], qui en est à 18 ou 20 lieues. Du sommet des montagnes de chacune de ces îles, on découvre l'autre; car leur hauteur est considérable. L'île de Mascarenhas [île Bourbon], malgré son aspect verdoyant et l'abondance de ses eaux, nous a semblé sans grand intérêt, d'abord parce qu'il n'y a pas d'habitants et puis parce qu'elle ne possède pas de port; du moins, nous n'y avons pu trouver le fond, quoique nous ayons fait des sondages en plusieurs endroits tout proches de la terre. Cependant, personne n'y ayant débarqué et nous étant contents de la côtoyer, nous n'avons pu nous rendre compte d'une façon certaine de son plus ou moins de valeur.

Nous nous sommes éloignés de cette île le mardi saint et nous nous sommes dirigés vers celle de Saint-Laurent [Madagascar], en vue de laquelle nous sommes arrivés le jour de Pâques: mais, le vent étant violent, nous n'avons pu y atterrir que le vendredi 8 avril. Nous avons jeté l'ancre le jour suivant au Sud du port de Santa-Luzia [Manafiafy ou Sainte-Luce], que nous avons dépassé par erreur; la rade où nous étions [la Fausse Baie des Galions] est à proximité de Fanzaira [Fanjahira], mais elle est ouverte aux vents, de sorte qu'il est dangereux d'y demeurer, et, d'autre part, nous craignons, si nous prenons le large, de manquer le port de Saint-Luc [baie de Ranofotsy]. En suivant de près la côte, nous avons fini par gagner ce dernier port, où nous avons mouillé ce samedi même.

Les nègres du pays [les Malgaches] sont venus de suite à notre rencontre; leurs transports de joie et leur enthousiasme, lorsqu'ils ont su que Dom André était à bord, ne se peuvent décrire, et le père et la mère de ce jeune prince sont immédiatement accourus avec un millier d'hommes de belle prestance, mais ils n'ont rien voulu entendre lorsque nous leur avons demandé de nous donner un ou deux de leurs enfants comme otages. Quoique tous les deux aient parlé avec leur fils, d'abord la mère sur la caravelle, et ensuite le père dans la chaloupe, quoiqu'ils aient été sollicités à plusieurs reprises, une fois sur la plage par le capitaine-major et par le Père Manoel d'Almeida qui étaient ensemble, une autre fois par le Père Manoel d'Almeida seul dans l'intérieur du pays, à une lieue et demie de la mer, Bruto Chambanga [le roi Tsiambany] s'est toujours énergiquement refusé à nous accorder des otages, ne tenant nul compte des prières de son fils Dom André, ni des récits qu'il lui fit de son séjour à Goa, ni des riches présents qu'il avait reçus du vice-roi, ni de l'instruction que nous lui avons donnée, ni de sa bonne tenue actuelle. Toutes les paroles furent inutiles pour le convaincre, et il ne cessait de nous réclamer son fils, se plaignant de nous comme si nous étions des voleurs d'enfants qui, après leur en avoir pris un, osaient encore en réclamer d'autres.

Je ne puis vous dire les ennuis et le chagrin que tout cela nous a causés. Nous n'avons pas cependant perdu tout espoir, et nous avons cherché des expédients, bien décidés à tenter tous les moyens pour éviter une rupture. Après de longues discussions, nous sommes tombés d'accord que le moyen le plus sûr de nous concilier ce roi serait de lui demander de nous livrer des otages pour quelques jours seulement, puisqu'il ne consentait point à les lais-

ser partir pour Goa. Nous avons pensé, en effet, que pendant ces quelques jours Dom André, tout en causant avec son père, pourrait facilement le convaincre. Comment croire, en effet, qu'un fils chéri, surtout lorsqu'il est aussi aimable et aussi instruit que Dom André et aussi fier des honneurs dont il a été l'objet dans les Indes, ne parviendra pas à persuader ses parents de nous donner pleine satisfaction!

Une fois tout décidé, le Père d'Almeida parla dans ce sens au roi, qui ne lui fit qu'une réponse négative, parce qu'à ce moment, d'après ce que nous avons supposé, il n'avait pas encore consulté le sort à ce sujet; mais il a tiré la bonne aventure le jour suivant et elle nous a été paraît-il, favorable; en tout cas il a changé d'opinion, car, quoi qu'il en soit, le lendemain il a fait demander un Père pour traiter cette affaire. On m'a envoyé auprès de lui; dès que j'ai été en sa présence, je me suis empressé d'attester que je venais en ami; il m'a alors déclaré qu'il acceptait notre proposition et qu'il s'en réjouissait. Il m'a ensuite présenté les deux otages qu'il consentait à nous livrer: Amria Çambo [Andriantsambatra], que vous verrez et que je connaissais très bien, et qui n'est pas un fils du roi, mais seulement un de ses parents, et Amria Lambo [Andriandambo], c'est-à-dire " Monsieur le Porc ". Comme je ne connaissais pas ce dernier, j'ai fait remarquer à Chambanga [Tsiambany] qu'il devait nous livrer un de ses fils et un de ses parents et que, si Amria Lambo [Andriandambo] n'était pas reconnu comme son fils, nous avions le droit de le refuser, puis je me suis empressé de retourner à bord, emmenant les deux otages, où l'on a de suite constaté que le dit Amria Lambo [Andriandambo] n'était qu'un parent du Roi et non point un de ses fils. Tout d'abord, Dom André ne l'a pas reconnu, mais, peu après, la mémoire lui revint et il nous déclara que c'était un personnage important; d'autres nous ont affirmé la même chose, spécialement un *bouque* [Malgache] fugitif que nous avons recueilli à bord. En tout cas, ce n'était pas un fils de Bruto Chambanga [Tsiambany].

Après une discussion fort longue dans laquelle plusieurs d'entre nous exposèrent leurs doutes et leurs craintes, nous avons fini par admettre que ces otages étaient suffisants et nous avons décidé de rendre Dom André à son père avant que ce dernier se fâchât et se retirât dans l'intérieur du pays. Tout le monde a été d'avis que les difficultés que le roi venait de soulever ne provenaient, en réalité, que de la grande peur qu'il avait de nous et que, dans ces conditions, il fallait que les plus forts fissent les concessions raisonnables. Il

fut donc décidé que, si le roi ne voulait pas nous donner un de ses fils ou nous rendre Dom André, ces deux otages seraient envoyés à Goa et que les Pères resteraient auprès de Dom André, assurés, avec la protection de ce prince et sous la garantie des otages emmenés aux Indes, d'être en complète sûreté dans le pays de Fanzaira [Fanjahira] et l'îlot de Santa-Cruz [Nosy Fanjahira]. Nous ne pouvions rien souhaiter de plus.

Une fois cette résolution adoptée et le capitaine-major en possession des otages, nous sommes partis, le Père Manoel d'Almeida et moi, en compagnie du jeune Dom André et de six Portugais qui étaient chargés de nous escorter. Il y en avait qui pensaient que nous devions nous faire accompagner par vingt ou trente hommes pour le cas où, le roi refusant de nous livrer d'autres otages plus importants, nous aurions à ramener son fils; quant à moi, cette escorte de six hommes me semblait au contraire trop nombreuse, car que pourraient faire même trente hommes à dix lieues dans l'intérieur des terres, dans un pays coupé par de nombreuses rivières et couvert de forêts, dont nous ne connaissons pas les chemins et où nous ne pouvions même pas emporter de vivres? D'ailleurs, le jeune prince venait avec nous, et il était entendu qu'il pourrait converser librement avec son père et résider sous son toit; or, eussions-nous été très nombreux, nous n'aurions jamais pu empêcher que pendant la nuit le père ne disparût avec son fils, nous abandonnant en pleine forêt. Et puis, comment composer cette escorte de trente hommes? Il n'y avait guère de disponibles que de tout jeunes gens ou des recrues n'ayant jamais tenu un fusil; les vrais soldats de nos deux navires ne formaient pas un effectif aussi considérable.

Partis dans l'après-midi du 19 avril, nous avons rencontré le roi dans un petit bourg nommé Angalua [Analahona]. Il m'est difficile de vous décrire la joie des habitants à la vue de leur jeune prince, que son père s'est empressé d'asperger avec de l'hydromel, liqueur qui joue, chez ces gens, le rôle de notre eau de roses. Après que le roi nous eut fait boire de ce vin, ce qui, d'après les usages du pays, est une marque de grande amitié, nous avons assisté à des embrassades accompagnées de larmes et de cris si répétés et si bruyants que nous en étions tout assourdis. Dom André était tout étonné et un peu ahuri de cette réception chaleureuse; dans ce brouhaha, ses vêtements furent détériorés et tachés par l'huile dont les Malgaches enduisent leurs cheveux et leur corps.

De là, nous avons fait route pour une ville nommée Luuarano [Loharano], c'est-à-dire " la tête de l'eau ", qui est située à mi-chemin de Fanzaira [Fanjahira]; nous n'y sommes arrivés qu'en pleine nuit et très fatigués. Le roi nous y a fait servir un mets étrange, composé de tripes de bœuf, que l'on nous a servi froid, sans assaisonnement aucun, accompagné d'un dessert de tamarins et de noix de cocos.

Au point du jour, nous nous sommes remis en route pour Fanzaira [Fanjahira], où, tout en pressant le pas, nous ne sommes arrivés qu'à midi. Cette ville, qui est sous le 25^e parallèle [par 24^o 54'], est entre deux montagnes, au milieu d'une vaste plaine qui rappelle les prairies de notre pays et que traverse une charmante rivière, dont l'eau est bonne et abondante.

Dès que la ville a été en vue, le roi a fait faire halte à tout le monde; le jeune prince a revêtu ses habits les plus riches, et toute sa suite a fait comme lui. Sur ces entrefaites, sont sorties de la ville deux processions de femmes qui marchaient en bon ordre deux à deux. Arrivées auprès de Dom André, qui était assis sur des coussins, la tête protégée par une ombrelle de soie, ces femmes ont déposé à ses pieds leurs présents: plats avec du riz et de la viande grillée, petites corbeilles finement tressées ou coffrets contenant des lambas et autres objets du pays. En queue du cortège venaient la mère et les deux sœurs du jeune prince, portées chacune sur un brancard ou sorte de palanquin par des nègres [des esclaves malgaches], qui se mirent à courir aussi vite que l'eussent pu foire des chevaux et les amenèrent triomphalement à l'endroit où se tenait Dom André, tandis qu'elles brandissaient des étoffes légères, avec lesquelles elles jouaient comme nous le faisons avec les balles du jeu de paume. On a ensuite procédé à d'autres cérémonies, quelques-unes inconvenantes que je ne puis décrire. Il n'y avait pas eu en ce pays une aussi belle fête depuis plusieurs années; je puis fort bien la comparer aux plus brillantes de Salsette [dans l'Inde].

Quand ces réjouissances eurent pris fin, nous sommes entrés dans la ville, où elles ont recommencé, si bien que les chants, les jeux et les festins se sont prolongés pendant trois ou quatre jours et autant de nuits. Personne ne songeait que tout ce bruit et vacarme étaient pour nous un sujet de fatigue et d'ennui, d'autant plus grand que nous ne pouvions satisfaire les nombreuses et importunes demandes des Malgaches qui mendiaient sans vergogne et sans répit des perles de verre, des cristaux, des grains de corail, de l'or, de

l'argent, etc. Le roi n'a pas craint de venir en personne nous demander du corail en échange de volailles. Cependant ce qui nous préoccupait le plus, c'était que nous n'arrivions à rien conclure. Au milieu du tapage de ces fêtes, il ne nous semblait pas opportun d'entamer un sujet sérieux; aussi décidâmes-nous d'attendre encore deux jours, après quoi le Père a très habilement adressé des exhortations à Dom André, lui indiquant de quelle manière il devait parler à son père ; malheureusement notre jeune ami était si ravi et si étonné de la réception qu'on lui faisait, qu'il en oubliait tout ce que nous avions fait pour lui et qu'il laissa passer deux jours sans en causer avec son père. Lorsqu'il se fut enfin décidé, nous eûmes d'abord quelque espoir de réussir, mais nous le perdîmes promptement, car, par deux fois, le roi nous refusa catégoriquement les otages que nous demandions, et, à ce propos, il a ajouté qu'il ne nous avait point livré les deux hommes que nous avions en notre pouvoir comme otages en échange de son fils, qui ne devait en aucun cas retourner avec nous, mais simplement pour garantir notre sécurité, et que, s'il nous convenait, nous pouvions nous en aller. Cette déclaration nous a fait comprendre que notre affaire était en très mauvaise voie et nous en avons éprouvé une grande tristesse.

Si le roi avait trouvé bon que les deux otages qu'il nous avait livrés restassent en notre pouvoir en échange de Dom André, nous n'aurions rien eu à objecter, car nous étions disposés à demeurer à Madagascar avec ce jeune prince. Mais, tandis que nous avons cru que le roi ne ferait pas obstacle à ce que nous conservions les otages, nous voyions au contraire qu'il était furieux et offensé sans motif. Or, d'un homme qui se montrait aussi irrité, il n'y avait rien de bon à attendre.

D'autre part, si nous restions avec Dom André, les nôtres ne pouvaient, conformément aux ordres du vice-roi, faire la guerre à Chambanga [Tsiambany]. Mon avis a donc été que, si le roi voulait bien nous laisser partir, nous devons immédiatement profiter de sa permission et nous en aller de suite, d'autant plus que, en ce qui concernait notre mission en ce pays, du moment que nous avons les otages, nous pourrions y revenir quand bon nous semblerait. Mais les six soldats portugais, s'en faisant un point d'honneur, nous ont déclaré que rien ne les déciderait à partir sans emmener avec eux Dom André; nous estimâmes que cette résolution des soldats, quoique inspirée par un sentiment honorable, n'était nullement raisonnable, car que pouvaient faire ici, malgré toute leur valeur et tout leur courage, ces six hommes au milieu

de trois ou quatre mille indigènes, dans l'intérieur des terres, à dix lieues de la côte [à huit lieues en ligne droite]? Après deux jours de réflexions et de discussions, nous avons prié Bruto Chambanga [le roi Tsiambany] de nous laisser aller à l'îlot de Santa-Cruz [Nosy Fanjahira], ainsi que nous le lui avions déjà demandé, et, en même temps, nous lui avons exprimé le désir de nous y rendre en pirogue par le fleuve. Il a immédiatement fait préparer plusieurs pirogues dans ce but, mais, au moment de nous embarquer, Dom André, qui devait nous accompagner, est venu nous annoncer que, son père ne voulant pas se séparer de lui pendant le voyage, il allait se rendre à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira] par terre avec lui, en suivant le chemin qui longe le fleuve.

Que faire en cette fâcheuse occurrence ? Nous emparer du jeune prince et l'emmener de force avec nous ? Abandonner les pirogues et aller par terre avec lui ? Mais à quoi bon ? Qu'est-ce qui pouvait empêcher Chambanga [Tsiambany], s'il le voulait, de disparaître avec son fils et de nous laisser tout seuls dans la brousse ? Nous avons alors pris le parti le plus sage, celui de descendre la rivière, comme c'était notre premier projet.

Dès que nous sommes arrivés à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira], îlot qui se trouve à peine à quatre lieues [à 4 lieues 1/2 en ligne droite] de Fanzaira [Fanjahira], on nous a annoncé que Chambanga [Tsiambany] était dans une petite île voisine, où il priaît sur les tombeaux de ses ancêtres. Pensant qu'il allait venir de suite dans l'île que nous occupions, nous nous sommes empressés de nettoyer la maison de pierre [Tranovato] et de nous y fortifier, de manière à pouvoir nous y défendre pendant quelques jours, jusqu'à l'arrivée des ordres du capitaine-major.

Pendant que nous nous occupions ainsi, Bruto Chambanga [le roi Tsiambany], toujours animé de mauvais desseins, prit pendant la nuit la résolution de s'en retourner avec son fils à Fanzaira [Fanjahira], nous laissant sans aucune embarcation, car il avait eu soin de les faire cacher en grand mystère. Nous avons eu là une preuve évidente des intentions perverses de cet homme abominable, et, en même temps, nous avons été extrêmement perplexes sur ce qu'il nous fallait faire. Nous n'avons aucun moyen d'aviser le capitaine-major de ce qui nous arrivait, car il n'était pas douteux que Chambanga [Tsiambany] s'emparerait de toutes les lettres que nous enverrions aux navires ainsi que de ceux qui les porteraient. Il nous semblait aussi très difficile et très dangereux d'attendre en cet endroit les événements, car nous avons peu de vivres, et

nous étions si peu nombreux qu'il nous eût été impossible, en cas d'attaque, de nous défendre au delà de quelques jours. Du reste, aucun de nos soldats ne voulait retourner à bord, craignant d'être puni pour avoir perdu ou abandonné Dom André.

Si nous avions pu savoir ce qui se passait en ce moment au bord de la mer entre les nôtres et les nègres [les Malgaches], notre situation nous aurait paru encore plus triste. Car le jour même de sa fuite, Bruto Chambanga [le roi Tsiambany] avait envoyé des messagers ordonner à tous les nègres [Malgaches] et aux otages qui étaient au bord de la mer de se retirer dans l'intérieur des terres et il avait déclaré la guerre aux Portugais. Les nôtres furent extraordinairement surpris et alarmés; leur désordre et leur négligence ont été vraiment déplorables, car un des otages prit la fuite sans que personne l'en ait empêché et l'autre a failli aussi s'échapper. Le trouble était du reste général. On ne voyait que des nègres [Malgaches] se sauvant et nos gens les poursuivant sans réussir à s'en emparer; ils ont pris en tout deux pauvres innocents qui nous apportaient de l'eau et un vieillard et deux parents de Randumana [Roandriamanana] qu'ils ont surpris dans un petit village.

Sur ces entrefaites, convaincus qu'il était nécessaire d'intervenir, car, ayant enfin reçu une lettre de nous, ils nous supposaient en danger, ils décidèrent de venir à notre secours au nombre de cinquante à soixante, tant soldats que marins. Les deux capitaines se mirent donc en marche, ce soir-là même, précédés des drapeaux, mais sans prendre les précautions nécessaires. En effet, croyant que l'expédition serait promptement terminée, ils n'avaient presque pas emporté de vivres avec eux, ce qui a été la cause de beaucoup d'ennuis et des désastres qui sont survenus. Je n'en finirais pas si j'entreprenais de vous donner une idée de tout ce que cette troupe a souffert pendant cette nuit, en marchant à travers un pays que les nôtres ne connaissaient pas; ils ont dû maintes fois parer à des dangers imprévus et endurer toutes sortes de misères, tombant à chaque pas dans des borbiers et dans des marécages. Ils sont enfin arrivés, rompus de fatigue et à demi morts, le soir du jour suivant, quoique la distance à parcourir n'eût dû demander qu'une demi-journée de marche. A ce moment, je revenais de l'embouchure de la rivière, où j'étais allé voir si j'apercevais notre canot qui était parti par mer en même temps que la troupe prenait la voie de terre. Quoique la distance ne fût que de quatre lieues, il n'était point encore en vue, mais j'avais constaté, ce que je me suis empressé

de déclarer, qu'il ne pourrait pas franchir la barre sans courir un très grand danger.

En voyant tant de monde, ma première idée fut que nos affaires allaient prendre une bonne tournure et que l'attaque ne tarderait pas à commencer. Mon contentement s'accrut encore, en apercevant notre canot qui arrivait à pleines voiles; tout le monde s'en réjouit et cependant plût à Dieu qu'il ne fût point venu! Car les choses ont au contraire tourné à mal.

Le capitaine-major, ayant constaté la pénurie de vivres, décida d'envoyer dix hommes en chercher à bord, avec ordre de les apporter sous bonne escorte, ce qu'ils firent avec l'aide de quelques nègres du pays [Malgaches] et d'autres nègres esclaves qui nous appartenaient. Mais ces nègres [Malgaches], non pas tant parce que la charge qu'ils portaient sur leurs épaules les fatiguait que parce qu'ils avaient bu beaucoup de vin et étaient ivres, ayant rencontré sur leur chemin Randumana [Roandriamanana] avec deux à trois cents nègres [Malgaches] qui, par ordre de Bruto Chambanga [du roi Tsiambany], barraient la route, ont abandonné leurs charges sans faire la moindre résistance et se sont sauvés à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira], où ils sont arrivés les mains vides. C'était un vrai désastre! Voyant l'impossibilité de faire apporter des vivres par terre, le capitaine-major décida alors de les faire venir par mer, et il donna l'ordre à notre canot d'aller en chercher à bord des navires.

Comme le Père Antonio d'Azevedo était venu à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira] avec la troupe qu'on avait envoyée à notre secours, nous nous y trouvions réunis tous les trois et nous consommions forcément des vivres, nous gênant les uns les autres, de sorte que le Père Manoel d'Almeida estima que, mon confrère et moi, nous devions partir et que lui seul devait rester à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira], nous déclarant qu'il suffirait pour donner les secours spirituels à tout le monde.

Nous nous embarquâmes donc à la tombée de la nuit, et, au point du jour, grâce à Dieu, nous réussîmes à franchir la barre. Quoique la distance ne fût que de quatre lieues, nous ne sommes cependant arrivés que la nuit suivante, à deux heures du matin, ayant ramé sans répit contre le vent tout le long de la côte qui est extrêmement dangereuse, au milieu de vagues énormes; la lune était alors en conjonction. Mais s'il y avait eu beaucoup de témérité dans notre expédition, celle du lendemain fut pire, car le contre-maître de notre patache qui est parti ce jour-là n'est plus jamais revenu; le temps étant fort

rude, il s'est trouvé, dès sa sortie du port, pris par un gros orage, dans le voisinage de la pointe Sud où le vent est toujours violent et traître! Quand nous-mêmes, ancrés dans le port avec cinq amarres, nous étions exposés à de grands dangers, que pouvait faire une petite barque en pleine mer, où elle s'était aventurée pour ne pas être jetée à la côte?

Notre canot est revenu à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira] avec les vivres qu'il était allé chercher; on peut dire qu'il y est arrivé par miracle, ayant franchi sans encombre la barre où des vagues énormes se brisent sans cesse avec furie et qui est extrêmement dangereuse. Mais, lorsque ces vivres sont arrivés, on n'en avait plus besoin, car, après plusieurs messages échangés avec les Malgaches, on s'était mis d'accord et le danger d'un conflit était écarté; on avait arrêté les conditions suivantes: Amria Çambo [Andriantsambatra], qui était aux fers à bord afin qu'il ne pût s'enfuir, partirait pour Goa comme otage, et deux Pères resteraient avec Dom André à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira], sans aucun autre Portugais. Ce traité de paix une fois conclu, un nègre [un Malgache] est venu à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira] et le capitaine-major a juré devant lui de s'y conformer, pendant qu'un Portugais est allé à Fanzaira [Fanjahira] et y a reçu le serment de Bruto Chambanga [du roi Tsiambany]. Les plans de guerre ont dès lors fait place à des plans de maisons et d'églises.

A vrai dire, eu égard aux conditions ci-dessus indiquées, la guerre ne nous aurait donné aucun profit. Le roi et les siens se seraient évidemment enfuis dans la forêt, et il nous aurait été impossible de lui enlever Dom André. En outre, on n'aurait pas pu lui tuer beaucoup de monde; on serait tout au plus parvenu à incendier quelques villes et villages formés de misérables huttes et le dommage eût été vraiment très minime pour lui, mais au contraire énorme pour nous et pour nos projets, car nous eussions vu du coup s'évanouir toutes nos espérances de convertir ces gens, et il n'est pas douteux que Dom André, vivant loin de ses maîtres, serait redevenu aussi barbare que son entourage.

Ces affaires terminées, le capitaine-major est retourné à bord de son navire, laissant le canot dans le port avec l'ordre de partir dès qu'il se produirait une accalmie. L'équipage de ce canot, conformément aux instructions du capitaine-major, essaya deux fois de prendre la mer, et les deux fois l'embarcation chavira. La première, les six matelots qui la montaient, réussirent à se sauver, mais, la seconde, il y en eut quatre qui périrent et la barque sombra avec tout ce qu'elle portait; nous ne la revîmes plus jamais. Un désas-

tre encore plus grave s'est produit dans le port, le jour de la fête de la Sainte-Croix. En relevant les amarres, le canot de la caravelle a chaviré tout près des navires, par un temps absolument calme, et, des six hommes qui étaient à son bord, deux se sont noyés. Ce même jour, un matelot a été dévoré par un crocodile dans l'îlot de Santa-Cruz [Nosy Fanjahira]. Dieu soit loué, cependant!

Je termine ici la première partie de cette lettre, car je ne crois pas qu'il soit utile de vous raconter ici tout ce qui est arrivé ensuite, c'est-à-dire la construction d'une nouvelle barque, les difficultés que les Pères ont eues à surmonter en transportant à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira] leur linge et leurs autres effets et en construisant leurs habitations malgré le mauvais vouloir du roi, la fuite de Romain, que, sur les instances du capitaine-major, j'avais laissé aller à terre à la fin de notre expédition, quoique tout le monde sût qu'il ne reviendrait pas, et celle d'autres nègres que Chambanga [Tsiambany] ne nous a pas fait rendre.

Maintenant, Votre Révérence me demandera peut-être pourquoi je ne suis pas resté, moi aussi, à Santa Cruz [Nosy Fanjahira] du moment que le Père supérieur avait pris la résolution de se fixer dans le pays. A cette question le Père Almeida répondra mieux que moi, car c'est sur son ordre que je me suis rendu à Sadia [Sahadia, à la bouche du Manambolo]. Je lui ai offert de rester avec lui, mais il a jugé bon de m'envoyer dans ce pays de Sadia [Sahadia ou Ménabé], où je suis très content. Et, comme le Père Pero Freire n'y est pas encore arrivé, il semble que c'est Notre-Seigneur qui a inspiré cette résolution au Père d'Almeida.

Vous désirez probablement avoir mon opinion au sujet du séjour des Pères à Santa-Cruz [Nosy Fanjahira]. Je vous dirai: 1^o que le succès ou l'échec de cette tentative sera entièrement dû au Père d'Almeida, qui seul, avec beaucoup de zèle certainement, s'est obstiné à y rester; 2^o que, eu égard aux circonstances et à ce que, comme il a été dit plus haut, la guerre ne pouvait donner aucun bon résultat, cette résolution était la meilleure à prendre pour arriver à la réalisation de l'espérance que nous avons conçue de convertir les habitants de ce pays. En outre, c'était ce qu'il y avait de mieux à faire pour l'honneur de notre Compagnie dont les détracteurs ne se seraient pas fait faute de médire de nous, s'ils nous avaient vus revenir à Goa sans Dom André et qu'ils eussent su que nous l'avions abandonné au milieu de son peuple.

Lorsque nous avons vu que les otages n'offraient ni les garanties ni l'importance désirables, notre première idée au Père d'Azevedo et à moi, ainsi qu'au Père Custodio à ce que je crois, a été de nous établir dans le pays même sans réclamer d'otages; nous avons offert de rester dans ces conditions, estimant: 1^o que, de cette façon, nous épargnerions à la Compagnie la peine de nourrir et élever l'otage qui vient de partir pour Goa et celle encore plus grande de s'occuper avec sollicitude de son retour; 2^o que les Pères, n'ayant pas d'otages, seraient, de la part des gens du pays, l'objet d'une plus grande bienveillance et d'une amitié plus sincère, ce qui est important pour faire de grandes choses; 3^o que les Pères, au milieu de semblables circonstances, seraient certainement plus confiants et plus consolés en Notre-Seigneur, car, si le roi et les nègres du pays [les Malgaches] venaient à les maltraiter, ils sauraient que ces mauvais traitements seraient *in ordinem fidei* et nullement dus à des considérations humaines comme celles qui interviendraient à présent. On peut en effet croire et tenir pour certain que, si Amria Çambo [Andriantsambatra] tarde à revenir, ou s'il meurt, ou bien s'il lui survient quelque accident, les Pères en seront rendus responsables. Vous me direz peut-être que, sans cet otage, les Pères n'auraient aucune garantie. Plaise à Dieu que l'otage susmentionné soit pour nos Pères une garantie sérieuse! Mais comment cet unique otage pourra-t-il être caution de Dom André et un sûr garant pour les Pères et tous leurs effets? Le roi serait très capable, à causé de Dom André seulement, de laisser l'otage actuel toute sa vie en captivité, et il ferait de même à l'égard d'un autre qui lui tiendrait même de plus près par les liens de la parenté. Je vous accorde que, au cas où sa vie ne courrait aucun risque et où son retour serait assuré, un otage pourrait nous être de quelque utilité, mais, du moment qu'il court des risques, les Pères en courent aussi. En tout cas, j'estime et je suis même sûr que le roi Chambanga [Tsiambany] ne leur fera aucun mal, car il nous a témoigné son contentement et sa satisfaction des bons procédés que nous avons eus envers son fils, lequel, du reste, l'obligera certainement à respecter ses maîtres. D'ailleurs, on m'a raconté qu'il n'a jamais fait de mal aux Hollandais, qui se sont cependant maintes fois livrés à des excès sur ses terres.

Quant au refus des Malgaches de laisser demeurer dans leur pays d'autres Portugais avec les Pères, j'estime que Dieu a voulu qu'il en fût ainsi dans l'intérêt de son service et afin que les Pères échappassent de ce chef à beau-

coup d'ennuis. Dieu a voulu aussi le bien de ces Portugais, qui, dans un pays où la débauche est si répandue, n'auraient pu que se damner en péchant gravement contre ses commandements. On peut encore dire qu'il a eu en vue le bien des indigènes, qui auraient sans doute été plus scandalisés qu'édifiés par leur conduite.

En ce qui concerne les résultats de notre mission, on peut affirmer, sans crainte de se tromper, qu'ils sont douteux, car il sera difficile de réussir auprès de gens aussi versatiles et adonnés d'une façon aussi extravagante aux sortilèges, dans lesquels ils cherchent les causes déterminantes de tous leurs actes. Tout le monde dans le pays dépend du roi, qui, étant, ainsi que ses principaux vassaux, Maure [Musulman], obéit aveuglément à ses faquis [fakirs] ou prêtres; or, comme le crédit de ceux-ci et leurs profits disparaîtraient si le christianisme venait à se propager, il n'est pas douteux que nos Pères seront vivement combattus, dès qu'ils montreront la différence qui existe entre le christianisme et la religion des fakirs, et que les gens du peuple ne se sépareront pas des grands et des nobles.

Si vous me demandez mon avis au sujet de Dom André, je répondrai qu'en vérité il s'est montré jusqu'à ce moment très bon chrétien. Il n'a jamais voulu manger de viande le vendredi ni le samedi, malgré les instances de son père et des siens: on lui a offert deux femmes de la plus haute classe et il les a refusées, disant qu'il n'épouserait jamais qu'une seule femme et qu'il faudrait qu'elle fût d'abord baptisée. A Fanzaira [Fanjahira], après notre départ, un de nos domestiques l'a vu occupé à enseigner aux enfants de la ville la doctrine chrétienne et d'autres sujets. Aux bois de Sacufax [Sakoafasy?], le 18 juin 1616”.



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto Estratégico «PEst-OE/ELT/UI0077/2014»**

